



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

LUIZ EDISON HOLANDA

***MEMORIAL DE MARIA MOURA, DA SINHAZINHA A CHEFE DE BANDO, UMA
TRAVESSIA CRÍTICA***

**Palmas - TO
2018**

LUIZ EDISON HOLANDA

***MEMORIAL DE MARIA MOURA, DA SINHAZINHA A CHEFE DE BANDO, UMA
TRAVESSIA CRÍTICA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras do curso de Graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, Campus Palmas/TO.

Professora Orientadora: Dra. Nahete de Alcantara Silva.

**Palmas - TO
2018**

Holanda, Luiz Edison.

Memorial de Maria Moura, da Sinhazinha a Chefe de Bando, uma travessia crítica / Luiz Edison Holanda – Palmas, 2018.
40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa – Instituto Federal de Educação do Tocantins, Campus Palmas, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Nahete de Alcântara Silva.

1. Representação feminina. 2. Memorial. 3. Liberdade e Maria Moura.
I. *Memorial de Maria Moura*, da Sinhazinha a Chefe de Bando, uma travessia crítica.

LUIZ EDISON HOLANDA

***MEMORIAL DE MARIA MOURA, DA SINHAZINHA A CHEFE DE BANDO, UMA
TRAVESSIA CRÍTICA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras do curso de Graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, Campus Palmas/TO.

Professora Orientadora: Dra. Nahete de Alcantara Silva.

Aprovado em: ____/____/2018.

Prof. Dra. Nahete de Alcantara Silva
IFTO – CAMPUS PALMAS

Prof. Dr. Rivadávia Porto Cavalcante
IFTO – CAMPUS PALMAS

Profa. Msc. Sylmara Barreira
IFTO – CAMPUS PALMAS

**Palmas - TO
2018**

A Deus, pela inspiração e à minha família.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida...

À minha esposa Ilcione, aos meus filhos Gessica, Bruno, Daniela e Társila pelo apoio e paciência.

Aos meus pais, pela vida e cuidados na infância.

Ao meu amigo e pastor Claudemir Lopes.

À professora, doutora e amiga Nahete de Alcantara Silva, pelo cuidado e dedicação na elaboração deste trabalho.

Aos professores e amigos que pacientemente nos guiaram no caminho para a aprendizagem, Sylmara, Erika, Daniel, Domênico, Fernanda, Ana Lourdes, Carina, Riva...

Aos amigos e colegas, César, Suzane, Laura, Érica, Luciano, Bruna, Sarah, Antoniel...

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida - umas porque usam de fórmulas visíveis e, portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana.

Não é o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso.

(FERNANDO PESSOA, 1935)

RESUMO

O presente trabalho é fruto de um estudo sobre o livro *Memorial de Maria Moura* (1992), da escritora Rachel de Queiroz. Nele encontram-se os resultados da leitura, pesquisa e análise realizada sobre a representação feminina na obra *memorial de Maria Moura*, a fim de compreender as ações das personagens Maria Moura e Marialva, que apresentam posturas diferentes na obra. Para a pesquisa aqui realizada utilizou-se os escritos de Michelle de Perrot (2008) em sua obra *Minha História das Mulheres*, além de Alfredo Bosi (2013), Thomas Bonnici e Lúcia Zolin, (2009) e Norman Friedman (2002) e seus oito tipos de personagens narradores. Buscou-se, através dessa pesquisa, compreender as interpretações e ações da mulher para alcançar sua liberdade. Pode-se perceber, por meio deste trabalho, que Maria Moura é a representação da mulher que está além do seu tempo, tendo Marialva como contra ponto uma vez que ela também busca essa liberdade, mas tem pouco poder de decisão para mantê-la e continua sendo submissa, como uma demonstração de que essa autonomia é difícil de ser conquistada.

Palavras-chave: Representação feminina; Memorial; Liberdade e Maria Moura.

ABSTRACT

The present work originated from a study about the book *Memorial de Maria Moura* (1962), by the writer Rachel de Queiroz. In it, there can be found the results of the readings, the research and the analysis carried out about the feminine representation in the novel *Memorial de Maria Moura*, aiming to understand the attitudes of the characters Maria Moura and Marialva, who demonstrate different stances in the work. For the research, there were used the writings of Michelle de Perrot (2008) in her work *Minha história das mulheres*, besides Alfredo Bosi (2013), Thomas Bonnici, Lúcia Zolin (2009) e Norman Friedman (2002) and eight kinds of narrators/characters. It was sought to understand the woman's interpretations and actions to reach her freedom. It can be noticed, through this work, that Maria Moura is the representation of the woman who is beyond her time, with Marialva as her counter part, as she also seeks freedom but does not have much decision power and keeps on being submissive, as a demonstration that authonomy is difficult of being achieved.

Keywords: Woman. Freedom. Representation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: MODERNISMO E A GERAÇÃO DE 45.....	12
1.1 ROMANCE, UM GÊNERO LITERÁRIO	12
1.2 O MODERNISMO E SEU DESENVOLVIMENTO NO BRASIL	16
CAPÍTULO 2: DUAS MULHERES: UMA SÓ CONDIÇÃO.....	18
2.1 MARIA MOURA: UMA TRAVESSIA DE SINHAZINHA A CHEFE DE BANDO ...	18
2.2 MARIALVA: UMA MULHER DO SEU TEMPO.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

A literatura no Brasil tornou-se expressão da cultura, não apenas do colonizador europeu. Mas, sobretudo, de uma sociedade constituída ao longo do tempo sob seus valores, bem como candidata à sua posição de domínio. Portanto, as convenções sociais das quais se estabeleciam em relação ao papel da mulher, sempre foram pautadas, até recentemente, pelo viés do patriarcado, destinando ao feminino um espaço mais privado do que público.

As transformações históricas demonstram alterações significativas na vida da mulher para conquistar o direito de protagonizar suas escolhas, a exemplo dos homens. A transição da dependência feminina para sua emancipação, pode ser compreendida na literatura brasileira através de obras que demarcam a clausura social e os dissabores enfrentados pela mulher para adquirir a possibilidade de decidir seu destino e impor suas escolhas.

Por meio da literatura, conhece-se a trajetória sociocultural de um povo e, através dela, escritores colocam suas interpretações de mundo manifestando desejos, denúncias, ansiedades e angústias acerca de problemas sociais vividos por membros de uma sociedade em determinada época.

A escritora Rachel de Queiroz traz grande contribuição para pesquisas na área da literatura, que procuram entender a sociedade e, principalmente, o modo de vida sertaneja. Esquadrinharemos neste espaço os sacrifícios e provocações enfrentados pela mulher na obra *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, com a proposta de compreender os caminhos percorridos por Maria Moura e sua prima Marialva, na busca pela autonomia. Criada sob a égide da cultura patriarcal, a mulher conviveu por muito tempo com a situação imposta pela sociedade e, assim, viveu submissa por um longo período.

Sob o olhar da teoria do patriarcado, o presente trabalho propôs identificar a representação do feminino no romance *Memorial de Maria Moura*, de autoria da escritora cearense Rachel de Queiroz, tendo como categoria de análise literária a teoria do narrador proposta por Norman Friedman.

Nossa pesquisa contribuirá com estudantes interessados em conhecer os aspectos da busca feminina pela conquista de espaço na sociedade, que a considera transgressora, ao perceber a sua disposição em rejeitar o domínio do

patriarcalismo na sociedade, que deseja mantê-la como submissa e incapaz de tomar decisões.

Nosso trabalho investigou como se dá essa representação a partir dos múltiplos narradores, a construção da figura da mulher na sociedade do início do século XX, assim como se desenha o olhar sob o feminino no meio social e familiar, bem como seus anseios como forma de trazer à luz do conhecimento os caminhos percorridos na luta pela autonomia feminina, no convívio de uma sociedade patriarcal, que deseja uma mulher submissa e incapaz de manifestar seus desejos para satisfazer os ditames sociais em detrimento de sua vontade.

Busca-se ainda fazer perceber que a escritora Rachel de Queiróz, na obra analisada, coloca a mulher no mesmo patamar masculino mostrando a sua capacidade de lutar em defesa do seu patrimônio e independência, saindo do domínio daqueles que a cercam, proporcionando ao leitor a compreensão da representação feminina e seu comportamento na luta pela liberdade no século XIX.

Para isso, buscou-se identificar os múltiplos narradores na obra *Memorial de Maria Moura*, para descrevermos qual o foco narrativo e as representações femininas apresentadas em suas narrativas, partindo da análise dos aspectos sócio-históricos em relação à mulher, que marcaram a sociedade do século XIX. Utilizou-se como recurso para este trabalho a pesquisa qualitativa- interpretativa, com objetivos exploratórios, posto que o trabalho realizado teve como ponto de partida a leitura da obra *Memorial de Maria Moura*.

Segundo Godoy (1995, p. 21), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por “estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrínsecas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Assim, o método qualitativo mostra-se, neste trabalho, através da articulação de aspectos socioculturais na obra literária em questão. Para isso, o modo como a mulher é representada será analisado com vistas à obtenção de um determinado entendimento social acerca da figura feminina.

Esse reflexo da realidade pode ser encarado, conceitualmente, como representação, isto é, o modo como as personagens em questão “re-presentam” (destacando o prefixo “re” em seu sentido etimológico latino de repetição; apresentar novamente) o real em suas respectivas posições sociais de mulheres inseridas num contexto onde o patriarcalismo predominava. Assim, representação aqui, pode ser

definida como reprodução na consciência de percepções passadas. Trata-se das chamadas representações de memória (MORA, 2001).

Além disso, a pesquisa é também de natureza bibliográfica, já que para a sua realização, artigos, livros, dissertações, teses, e publicações eletrônicas foram consultados. E, para a realização do trabalho analítico, levou-se em conta o posicionamento interpretativo, valorizando a descrição de fatos socioculturais e literários, partindo da reflexão acerca das representações do feminino na obra.

Tendo em vista que encontramos recorrência de personagens que narram os fatos no romance, alternando-se a cada capítulo, iniciamos a pesquisa buscando, conhecer essas entidades. Assim, o estudo parte da identificação das duas personagens femininas Maria Moura e Marialva, visando examinar as representações dessas personagens a respeito da condição social da mulher no sertão brasileiro e a sua luta pela liberdade feminina.

Considerando que a sociedade do início do século XIX, predominantemente sexista, pautada pelo modo de vida e cultura do patriarcalismo, coloca a mulher em uma posição de submissão arbitrária, assim identificou-se as semelhanças do pensamento dos narradores com a situação vigente da sociedade do século XIX, compreendendo qual a situação da mulher no sertão brasileiro desse período.

CAPÍTULO 1: MODERNISMO E A GERAÇÃO DE 45

1.1. ROMANCE, UM GÊNERO LITERÁRIO

Conforme (Sérgio, 2009), o termo romance é oriundo do romance que aconteceu no período da Idade Média quando o império romano se estendeu para outros países e cada um desses países desenvolveu uma linguagem que misturava elementos do latim e da linguagem local. Assim surgiu um terceiro idioma; inicialmente ele era usado para escrever histórias consideradas de pouco valor, como as de cavalaria e, mais tarde, de aventuras amorosas, sendo atualmente usado como substantivo. O primeiro texto escrito na língua românica está datado do século XII.

Assim, cabe aqui esclarecer que o gênero literário acima mencionado (romance) não tem relação com o período romântico da literatura. Rachel de Queiroz é tradicionalmente classificada como pertencente à segunda geração do modernismo, que a historiografia literária denomina Geração de 45. Segundo Bosi (2006), pode-se chamar de Modernismo tudo o que, nas primeiras décadas do século XX, problematiza nossa realidade social e cultural.

Consagrada através do cânone, Rachel de Queiroz tornou-se respeitada na literatura nacional (e internacional, em alguma medida), não apenas pelo seu pioneirismo no que se refere à presença feminina nesse cenário, mas, sobretudo, por ser uma escritora e pensadora cuja envergadura intelectual impressionou a crítica e os demais profissionais interessados na literatura.

Foi gozando de todo esse prestígio que, em 1992, Rachel de Queiroz lançou *Memorial de Maria Moura*. Romance este que, dividido em 42 capítulos, aborda o drama de cinco personagens, dentre os quais estão duas importantes mulheres: Marialva e, aquela cuja memória dá nome à obra, Maria Moura. Ambas enfrentam opressões e violências e lidam com estas de formas, cada qual a sua medida, subversivas para os padrões do patriarcalismo vigente na época.

Diante disso, percebe-se que a temática da luta pelo empoderamento feminino é um núcleo determinante da obra em questão. Sobre isso, Abreu (2011, p. 9) diz que “se trata de uma narrativa que continua focada na questão feminina e nas raízes nordestinas, permeadas pela memória”.

Outro aspecto notado pela crítica dos anos 90 foi a riqueza da escrita queirosiana. Antônio Houaiss (1992) elogiou-a ao dizer que Raquel tinha “maestria no domínio do vocabulário e da sintaxe”. Tal maestria pode ser explicada quando verificamos a biografia da autora. Desde muito cedo, aprendera inglês, francês e teve contato com grandes clássicos da literatura universal (Tolstói e Dostoiévski, por exemplo) por influências de seus parentes mais próximos (ABREU, 2011).

Ainda sobre a escrita sofisticada apresentada por Raquel em seu último romance, Elsie Lessa (1992, p. 25) disse “a colher-de-chá que a escritora dá aos dicionaristas [...] que o jeito era ler o Memorial de dicionário ao lado. Palavras reencontradas da minha infância paulista, mostrando que afinal tudo nos une mais que nos separa”. Tais palavras já nos dão indícios de que a riqueza da linguagem dessa obra fora realmente merecedora do maior prêmio de Literatura em Língua Portuguesa, o Prêmio Camões, galardoada à autora logo no ano seguinte ao da publicação do livro.

Não por menos, Francisco Carvalho (1995, p. 94) faz o seguinte comentário a respeito dos recursos estilísticos empregados pela escritora: “os conteúdos com novas situações e novas possibilidades, dão mais dinamismo e colorido ao romance e, ao mesmo tempo, impede que o curso da história seja conduzido exclusivamente pela onisciência da principal narradora”.

Vale apenas ressaltar que o conceito de Memorial abrange múltiplos significados, dentre os quais: “relatos concernentes a fatos ou indivíduos memoráveis”; “livro de notas”, etc (HOUAISS, 2001). Sua fonte etimológica provém do latim *memorialis*, de onde deriva, obviamente, a palavra “memória”, isto é, uma memória individual; aquilo que constitui o próprio, que grava conteúdos de percepções (LEÃO, 2002). Diante disso, o termo abre um leque de possibilidades interpretativas, desde o registro dos atos memoráveis (no sentido de grandiosos) a respeito da vida da personagem que dá título a obra, até o relato de memória dos personagens que narram suas histórias.

Além disso, o romance regionalista *Memorial de Maria Moura* de Rachel de Queiroz, o *Corpus* escolhido para nosso trabalho, apresenta por meio das personagens traços de insatisfação vistos, principalmente, na personagem Maria Moura que, ao impor-se contra o sistema social em relação à mulher, torna-se

transgressora ao recusar-se a ceder aos abusos impostos pelo padrasto e pelos primos, assim analisa Abaurre. (2005 p. 476).

Para sobreviver ao assassinato da mãe, aos abusos do padrasto e à ganância dos primos, que desejam roubar sua herança, Maria Moura precisa se rebelar contra a sociedade que a deseja submissa. A minissérie *Memorial de Maria Moura*, inspirada no romance de mesmo nome de Rachel de Queiroz, faz uma excelente reconstituição da vida no interior nordestino no século XIX e ilustra o questionamento do papel da mulher presentes nas obras da escritora.

Pode-se perceber que no romance *Memorial de Maria Moura*, Rachel de Queiroz manifesta sua insatisfação com as agressões praticadas contra a mulher, atingida pelas disputas por terra e, no caso de Maria Moura, a possibilidade de casar-se contra a sua vontade com um primo indesejado, que planejava “pegar a gata brava nem que fosse atada com corda e trazer pras Marias Pretas”, com a intenção clara de ficar com o domínio da terra herdada pela prima (QUEIROZ, 2008)

As decisões tomadas por Maria Moura ao tomar conhecimento da vinda dos primos ao Limoeiro demonstram uma mudança de caráter. A jovem submissa transforma-se em uma mulher independente, e chefe de bando que é determinada e destemida. A reação de Maria Moura marca a mudança ocorrida em sua vida e a competência para a dissolução dos problemas que a cercam. Destarte, ela já não é a mulher pacata que a sociedade conhecia. Ao rebelar-se contra os costumes da época, Maria Moura torna-se o anseio da escritora, desejosa de uma mudança no contexto social em relação à mulher.

Ao escrever sobre a situação da mulher e esquadrihar uma solução para o modo como ela é vista, Rachel de Queiroz lança-se no regionalismo nordestino como escritora feminina que denuncia a segregação sofrida pela mulher. Seus escritos trazem uma crítica a questões sociais em relação ao papel do homem e da mulher nordestina, mostrando suas diferenças e denunciando a realidade do universo feminino nordestino.

Maria Moura faz nos refletir sobre qual seria o papel da mulher na sociedade do século XIX; a escritora coloca a personagem antes submissa como uma personagem transgressora, que se revolta contra os ditames da sociedade e torna-se uma cangaceira capaz de saquear, matar e comandar um bando. De moça órfã, ela passar a representar a insatisfação e luta feminina por mais espaço no

nordeste brasileiro. A mulher, até então excluída do mundo público, busca a emancipação feminina em relação ao domínio masculino, Maria Moura aparece com outras perspectivas sobre os princípios e maneiras de entender o feminino.

Conforme Bonnici e Zolin, (2009, p. 219), pode-se dividir a participação da mulher na sociedade em duas categorias: Mulher-sujeito e mulher-objeto.

Categorias utilizadas para caracterizar as tintas do comportamento feminino em face dos parâmetros estabelecidos pela sociedade patriarcal: a mulher-sujeito é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição; enquanto a mulher-objeto define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz.

Portanto, a mulher-objeto marcada pela adolescente Maria Moura, submissa, passiva, que se sujeita aos desejos do padrasto. Despertada pela desconfiança que as ações do padrasto apresentam, das quais ela passa a perceber são más intenções, decide-se por ter uma atitude não esperada por parte de uma mulher e ainda mais sendo uma jovem, que ficara órfã há pouco. Essa mudança de comportamento acarretou na construção de uma personagem/mulher, que sai da posição de mulher-objeto para construir a sua personalidade como mulher-sujeito, tornando-se para o padrão da sociedade patriarcal, insubordinada ao fazer uso do seu poder de decisão.

Libertar-se desse sistema cultural apresentava amplos desafios pelo fato de estar fundamentado em um conceito histórico como o patriarcalismo, que segundo Bonnici e Zolin (2009, p.219), é o

Termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões, travadas no contexto do pensamento feminista, que envolve a questão da opressão da mulher ao longo de sua história.

Destarte, é possível perceber os percalços pelos quais a mulher tem passado na procura pelo rompimento desse preceito do patriarcalismo, que espera ver na figura feminina sempre o modelo constituído por estes preceitos, desembocando, portanto em discussões ocorridas nos encontros feministas, pautados pela luta de libertação da mulher oprimida durante muitos séculos por essa forma de organização da sociedade.

1.2. O MODERNISMO E SEU DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

No início do século XX, o Modernismo surge como um estilo (postura ou tendência) que se caracterizou pela subversão, rompimento – ou melhor, pela negação. Esta se direcionava a estruturas sociais, costumes e crenças cristalizadas por séculos na civilização ocidental, tais como a hierarquia socioeconômica, culto aos padrões das classes elevadas, tradicionalismo, catolicismo, etc. Nesse contexto, o modernismo surgiu para cindir como aquilo que estava fixo (estático).

Essa postura teve como pano de fundo um momento histórico repleto de ebulições socioculturais, dentre as quais se destacam a Revolução Francesa e o marxismo. O primeiro foi precursor de uma transformação cuja força alcançou, de forma proeminente, as civilizações europeias e americanas. A instauração da república, em contrapartida a monarquia, trouxe uma nova classe – a burguesia – para o centro do eixo social. Dessa forma, temos a primeira eficácia da negação, isto é, a burguesia negou aquilo que considerava injusto a respeito do clero e da nobreza. Os consagrados ideais de fraternidade, igualdade e liberdade surgiram, a partir daí, como uma força propulsora cujo exemplo serviu para outras nações caminharem rumo a regimes mais democráticos. Esta era, pelo menos, a intenção inicial. O que se deu, entretanto, foi a instauração de uma burguesia capitalista que utilizou os ideais humanistas (fraternidade, igualdade e liberdade) como pretexto para sua perpetuação no poder (DEZORZE, 2016). Assim, a classe burguesa fez com que a sua revolução tivesse ares de suficiente e/ou perpetuamente legítima, sufocando a ideia de que o “*status quo*” vigente pudesse ser contestado.

Portanto, o sentimento de mudança, ruptura ou negação, em seu sentido moderno, se inicia no século XVIII, perpassa pelo XIX, e se propaga ao longo do XX (chegando até mesmo a atualidade com denominações como pós-modernismo).

Assim, pode-se averiguar que o Modernismo no Brasil se nutre, em alguma medida, dos ideais deixados por esses dois grandes momentos da história, os quais se unem em torno de posturas negativistas/subversivas.

O crítico Alfredo Bosi (2013), no seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirma que os decênios de 30 e 40 serão lembrados como a era do romance brasileiro. Alfredo Bosi analisa as tensões provenientes do romance moderno, com base nos estudos de Goldmann (1976), que propõe assim uma

hipótese explicativa do romance moderno, na sua relação com a totalidade social. Nessa perspectiva, conforme o grau crescente de tensão entre “o herói” e o seu mundo:

- a) romances de tensão mínima. Há conflito, mas este se configura em termos de oposição verbal, sentimental, quando muito: as personagens não se destacam visceralmente da estrutura e da paisagem que as condicionam. (...)
- b) romances de tensão crítica. O herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas, o seu mal-estar permanente. (...)
- c) romances de tensão interiorizada. O herói não se dispõe a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação: evade-se, subjetivando o conflito. (...)
- d) romances de tensão transfigurada. O herói procura ultrapassar o conflito que o constitui existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade. (BOSI, 2013, p. 418-19)

Diante da classificação apresentada, podemos constatar que o romance *corpus* de nossa pesquisa enquadra-se na concepção de tensão crítica, uma vez que percebemos as graves lesões que a sociedade patriarcal produz no tecido da pessoa da protagonista Maria Moura.

A crítica social, presente em Rachel de Queiroz, é derivada, em alguma medida, da filosofia crítica marxista, com seu profundo interesse pelo drama das classes trabalhadoras. Esta, para quem fora vedada, pela sua condição, a possibilidade de absolver influências além dos limites regionais foi tomada como o centro das temáticas da literatura modernista no Brasil. Daí o regionalismo aparecer com grande latência nas produções literárias brasileiras.

A perspectiva ideológica, ligada a um projeto estético, perpetrou o romance como suporte de uma observação crítica da relação entre sujeito e sociedade, para a qual o “Modernismo de 30” estabeleceu uma visão crítica ou de resistência. Pensar essa relação no regionalismo da década de 30, a partir da perspectiva de uma articulação com o dado real objetivo impõe que se considere a própria natureza da noção de representação no Modernismo brasileiro de 1922. E esse diálogo é feito competentemente pela autora cearense.

CAPÍTULO 2: DUAS MULHERES: UMA SÓ CONDIÇÃO

2.1. MARIA MOURA: *de Sinhazinha a chefe de bando*

Personagem principal do romance, *Maria Moura* ao analisar sua travessia de mulher reflete: “Sempre me senti muito só... Eu podia ser chefe, como exigia que eles me considerassem, mas era também a sinhazinha, que João Rufo de certo modo ajudou a criar e que os rapazes tinham visto menina.” (pág. 87). A condição feminina está posta dentro da dualidade em que a personagem narradora se apresenta.

Moradora do sertão nordestino, órfã de pai quando ainda muito jovem, na sua adolescência presencia a morte da mãe, fato este que a deixará em choque, pensando em como sua mãe poderia ter morrido daquela forma:

Vendo aquilo, eu soltei um grito que me rasgou a garganta e o peito. E me agarrei com mãe; ela já estava fria o corpo duro. Gritando sempre, abraçada com ela, me parecia que eu estava afundando num poço sem fim, na escuridão, apavorada.

Hoje, dessas horas, eu me lembro mais do medo do que da dor. Medo, sim, maior que a dor. Mãe se matar por ela mesma e escolher aquela morte horrível. E por que, minha nossa senhora, meus santos do céu, por quê? (QUEIROZ, 2008, p. 19).

As circunstâncias da morte da mãe de Moura trarão para ela um amadurecimento que a fará refletir sobre a situação da mulher, sujeita aos ditames de uma sociedade que a coloca sempre como inferior ao homem. As reflexões de Moura a farão perceber a forma como o homem é visto pela sociedade, como detentor de direitos que a mulher não tem, essas percepções terão como consequência decisões que afetarão sua vida e de todos aqueles que a cercam. Isto a colocará entre as personagens mais conhecidas da Literatura brasileira.

Maria Moura é a representação da força feminina no sertão nordestino, mulher forte e destemida enfrentou os desafios com espírito de liderança que não era encontrado na maioria das mulheres do século XIX. Durante muito tempo as mulheres foram consideradas incapazes e inferiores aos homens por não possuírem as mesmas condições mentais que estes, eram inábeis a sobrevivência se não tivessem ao lado um homem para gerir os negócios, pode-se ver isto na recordação que Moura faz da tentativa de Liberato em fazê-la assinar o documento que lhe daria

direito de administrar a fazenda do Limoeiro, (QUEIROZ, 2008, p. 23), Moura é considerada incapaz de cuidar da sua herança:

Explicou com poucas palavras que, sendo eu de menor idade, não ia ser capaz de tomar conta da herança de mãe. Daí, mãe também não entendia de negócios; e só de teimosia, não concordou em casar com ele e lhe passar a propriedade.
Mas eu não me importei com essa ingratidão, continuei a fazer tudo pela sua mãe, pensando no bem da filha..

Esta cultura herdada do patriarcalismo machista e preconceituosa perdura no pensamento da sociedade contemporânea que ainda resiste à inserção da mulher ao mercado de trabalho, destinando a estas, salários menores que o oferecido aos homens, usando argumentos como “fragilidade feminina”, ‘papel da mulher”, “deveres femininos”, sendo dessa forma destinadas apenas ao trabalho do lar com os cuidados dos filhos, marido e casa, quanto a isso Michelle Perrot, em seu livro, “Minha História das Mulheres”, (PERROT, 2008, p. 119), diz:

Os operários temiam a concorrência: esse “exército da reserva” ocasionaria, inevitavelmente, uma diminuição dos salários, dizia Marx. Um homem digno desse nome deve poder sustentar sua família e precisa de uma mulher que cuide da casa. Além do mais, a fábrica, com suas máquinas, sua sujeira, suas promiscuidades sexuais, não era para elas. “Operária: palavra ímpia”, escreve Michelet. E num congresso operário de 1867, um congressista declara; “Para o homem, a madeira e o metal. Para a mulher, a família e os tecidos”. Uma grande divisão material e simbólica do mundo. O duro para os homens: o mole para as mulheres.

Moura torna-se símbolo de resistência a essas tradições que inferiorizaram a mulher ao recusar-se a entregar sua herança para que outros tomem o seu lugar na administração, torna-se subversiva. Ao agir dessa forma, Moura quebra uma tradição em que a mulher tem obrigações apenas com o lar, sendo desvinculada de uma vida independente, conforme diz Maria Lúcia Rocha-Coutinho, numa passagem do livro Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares quando fala que:

Os tipos de comportamento encorajados nas meninas supostamente as preparavam para desempenhar os seus futuros papéis no lar e na família. Acima de tudo, elas eram educadas no sentido de se orientarem para relacionamentos, isto é, eram orientadas para os outros e não para si mesmas. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 58-59)

Moura foge aos padrões sociais ao rejeitar assinar os documentos e casar-se com o padrasto. Ela sabe que ceder aos desejos de Liberato e casar-se com ele está fora de questão; mesmo sentindo-se atraída por este homem que é seu padrasto, sabe que não pode confiar em suas intenções, reconhecendo que seu maior interesse é nas terras dela. De acordo com Queiroz, (2008, p. 26-27), Moura acredita que Liberato matou sua mãe por não assinar os documentos dando a posse das terras a ele. Com medo e sem encontrar outra saída, levada pelas circunstâncias da morte de sua mãe Moura, resolve assassinar o padrasto:

Assim foi a morte do Liberato, meu padrasto. Pois no que eu me neguei a assinar a tal procuração, que é que ele fez? começou a me ameaçar encoberto. Dizia - "Quando uma pessoa se mata, sempre haverá um motivo... Tua mãe, teria um motivo?" Mais tarde voltava ao assunto: "Por acaso, teria sido ela mesma que se matou? Talvez nem fosse..." Eu ia ficando muito assustada com aquelas charadas do Liberato, e acho que qualquer pessoa ia também se assustar. (...)
Assim, ele podia fazer o mesmo comigo. Tal e qual. Ele mesmo me falou nesse jeito conhecido de se desacordar uma pessoa com uma batida no queixo: "Depois é só pendurar na corda, o pescoço estala com o peso do corpo _ se quebra como o pescoço de passarinho..."
Fiquei morrendo de medo, me arrepiei toda, gelei. Então foi assim que ele matou mãe! E naturalmente matou porque ela, tal como eu, não queria assinar a procuração.
Eu não podia ter mais dúvida: pelas palavras mesmo da boca do Liberato eu sabia: tinha sido ele o matador.
A sorte minha foi que, mesmo debaixo daquele medo, eu não fiquei sem ação e resolvi me defender. nas mãos dele eu já estava, e pra não ter a sorte de mãe, tinha que atacar, antes que fosse tarde. Era ou ele, ou eu. (QUEIROZ, 2008, p. 26-27).

Com medo e sem encontrar outra saída, levada pelas circunstâncias da morte de sua mãe, Moura livra-se do padrasto. Deixando qualquer ideia de vida doméstica e de dona do lar, começa a arquitetar o plano para se livrar do assassino de sua mãe, o homem que ela acredita a mataria se não conseguisse o que queria. Encontrar o meio como realizaria o feito foi uma tarefa difícil, como aborda Queiroz (2008, p. 27-28)

Mas, embora resolvida, que é que podia fazer? Sozinha, nada. Como é que ia poder lutar contra aquele homem, um monstro de homem, duas vezes o meu tamanho?
E logo ele, já acostumado a matar. Agora, então, devia se sentir seguro da impunidade.
Corri na memória todos os conhecidos _ que eram muito poucos. E já estava desanimando, quando de repente me lembrei de Jardimilino, caboclo novo, campeiro do pouquinho gado que ainda restava no limoeiro.

Independente de todo o medo que estava em seu coração, Moura resolveu procurar ajuda para a empreitada de assassinar seu padrasto, usando de seus dotes femininos, busca em um trabalhador da fazenda um cúmplice.

Maria Moura mostra a sua feminilidade ao seduzir o vaqueiro da fazenda para um trabalho que, como mulher, ela entende que não consegue realizar. Com a promessa de casamento e as confissões de medo do Liberato, ela convence o vaqueiro a matá-lo, e demonstra controle sobre a situação ao orientá-lo como deveria ser executado o plano, que é concretizado da maneira como foi planejado e sem deixar suspeita de que ela poderia ter algo a ver com o assassinato do Liberato. Segundo Barbosa, Araújo e Matos (2013, p. 10)

Essa feminilidade empregada por Maria Moura para seduzir Jardimino é uma representação do ser mulher, ou seja, do que se espera de uma mulher. Woolf citada por Barbosa em seu livro afirma que o que se espera da mulher é que esta “seja complacente, seja terna, adule, iluda, use todas as artes e truques do seu sexo.” A princípio estas foram as práticas utilizadas pela personagem principal.

Moura, como representação do feminino, traz os dotes de mulher ao usar a conquista para realizar seus desejos, inclusive o de assassinato. Dentro destes acontecimentos e concretização dos planos, Moura começa a transgredir a postura feminina adotada na sociedade, rompendo com uma tradição e cultura machista que coloca a mulher como incapaz de pensar e tomar decisões. Quanto a isso, Perrot (2088, p 23) escreve:

Muitos filósofos encontram nas ciências sociais e na medicina argumentos suplementares para demonstrar a inferioridade das mulheres. De Rousseau a Auguste Comte:
[...] não se pode, hoje, contestar seriamente a evidência da inferioridade relativa da mulher, muito mais imprópria do que o homem a indispensável continuidade, do trabalho mental, seja em virtude da menor força intrínseca de sua inteligência, seja em razão de sua maior suscetibilidade moral e física.

Em oposição ao pensamento de muitos filósofos que tentavam minimizar a capacidade do pensamento feminino, percebe-se na personagem Maria Moura a negatização desse raciocínio, quando ela consegue mostrar domínio de suas ideias e disposição em participar dos eventos que transformaram sua vida, limpando a arma, entregando-a a Jardimino e pegando de volta quando o pleito está feito.

Estes argumentos se sustentam também ao analisarmos a postura de Moura diante da insistência do cúmplice em acelerar o casamento. Frente a pressão sofrida para que cumpra com o prometido, Moura mostrará inteligência e maturidade para mais uma vez reverter a situação a seu favor. De acordo com Queiroz (2008, p. 35-36), Jardimino pressionou pelo matrimônio:

Uma coisa com que eu não contei foi com o entusiasmo do Jardimino. Eu pensava que ia poder segurar o caboclo só com agrado e boas palavras, mas que tolíce a minha! mal passada a missa de cova (a que eu também não fui) já ele estava no meu pé, querendo noivar abertamente e até marcar casamento. Jardimino, sem se convencer, procurava me abraçar:
 _ se não pode casar, a gente podia ao menos namorar escondido. Eu entro na fazenda, de noite, bem disfarçado, ninguém vai me ver.
 Menti que a Chiquinha dormia comigo no quarto, ele exigiu que eu mandasse a menina embora para o quarto dela, junto com a Zita. E me apertava, me prensava e machucava, querendo me pegar de qualquer jeito. Por fim, já estava até me ameaçando.
 _ Quem chegou ao que eu cheguei, não tem mais medo de nada.

O processo de libertação, embora ocorra de forma dolorosa, é necessário, diante dos últimos acontecimentos na vida da personagem, que órfã de pai e mãe, vê-se obrigada a romper com a existência da sinhazinha transformando-se em mulher forte decidida e corajosa, símbolo da resistência feminina, o que conseqüentemente causa a ruptura com o discurso de submissão imposto a mulher pela sociedade patriarcal e opressora do nordeste brasileiro do século passado. Maria Moura passa a fazer um jogo violento impondo respeito a sua pessoa.

A feminilidade utilizada para envolver Jardimino em seus propósitos será novamente empregada, de uma maneira diferente, mas com a mesma finalidade; convencer João Rufo a ajudá-la a remover o embaraço que havia se tornado a sua relação com Jardimino, Maria Moura revela sua profunda feminilidade sem abrir mão de traçar o seu próprio destino e apropriar-se de si mesmo, renunciando o casamento, de acordo com Queiroz (2008, p.35)

E eu, casamento, imagina, casamento, que loucura. Que casamento, e logo com quem, Eu tinha que pensar era na minha herança; o nosso sítio do Limoeiro, dentro do distrito de Vargem da Cruz, boa terra de planta e cria, agora meio abandonado, é verdade, só louco. Comecei dando desculpas.

O esperado para a mulher desde menina era que fosse submissa, aceitando o casamento e sujeitando-se aos padrões familiares cuidando dos filhos e

do lar e do marido, isso muitas vezes sem direito a educação, padrões estes impostos pela sociedade. Segundo Perrot (2008, p. 43), é difícil delinear a vida das meninas:

Não é fácil delinear a vida real das meninas. elas passam mais tempo dentro de casa são mais vigiadas que seus irmãos, e quando se agitam muito são chamadas de “endiabradas”. São postas para trabalhar mais cedo nas famílias de origem humilde, camponesas ou operárias, saindo precocemente da escola, sobretudo se são as mais velhas. São requisitadas para todo tipo de tarefas domésticas. Futura mãe, a menina substitui a mãe ausente, ela é mais educada do que instruída.

Moura foge a esse padrão de existência ambicionando o controle não só da sua herança, mas também da sua vida e de todos os que lhe cercam, romper com esse modo de vida revela-se empreitada difícil, Rachel de Queiroz mostra através da personagem os sucessivos desafios para quebrar as amarras que querem impedir a liberdade. Ao livrar-se do padrasto e do pretendente, Moura terá que vencer também os primos que estão ávidos por colocar as mãos em sua herança, situação descrita por Queiroz (2008, p. 42)

Logo já estavam dizendo que chegara a eles a notícia da morte da ‘finada Titia’. Tinham vindo pra dar os sentimentos. E vinham igualmente saber como é que ficava a partilha do sítio, que era também herança da mãe. Mãe deles, a finada Tia Lica. E eu respondi que, de herança, não entendia nada: quem estava cuidando disso era o meu padrasto, o Liberato; e, como ele também estava morto, eu nem podia informar como é que andava tudo. Primo Tonho se arrebitou: _Que padrasto? Não me consta que a finada Titia tenha casado pela segunda vez! E o outro palerma: _Casou mesmo, com o padre benzendo? Eu me levantei já danada da vida. Eles pouco se importavam com mãe, casada ou amigada, queriam era passar a mão nas terras do Limoeiro.

A trajetória de Maria Moura é marcada por constantes atos ou situações de violência, que têm, na maioria das vezes como motivação, a defesa de si, do seu grupo e da sobrevivência em relação aos sofrimentos, privações e violações no contexto social vivido pela personagem. A presença dos primos aguçou em Moura o instinto protetor que luta contra a opressão, o sofrimento e injustiças praticadas por aqueles que querem tomar suas terras. Ao considerar as possibilidades de uma solução para o problema com os primos, ela mostra sensatez ao avaliar a situação e compreender que não pode mais matar, em razão de não conseguir colocar a culpa em outra pessoa, conforme Queiroz (2008, p. 43)

E agora? Matar aqueles dois, nem pensar. Desta vez, só quem possuía motivo era eu mesma. Não tinha ninguém pra quem desviar a culpa. E o pior é que eles eram mesmo donos de dois terços da herança, eu sabia. Tinha a parte da mãe deles e a parte do tio que embarcou para o Amazonas e vendeu aquela parte para o cunhado, pai dos meus primos.

Compreendendo o risco de ser acusada pela morte dos primos, caso isso ocorresse, a protagonista descarta essa ideia demonstrando que a mulher é capaz e tomar decisões mesmo em momentos de grande pressão psicológica, como era o caso vivido no Limoeiro, com a visita do Tonho e do Irineu.

Os principais motivos pelos quais ocorriam os conflitos encontrados na obra são pela posse de terras.

São recorrentes os desafios vividos pela personagem para manter em seu poder as terras que lhe pertencem. A fazenda do Limoeiro, herança do avô materno de Moura é geradora da querela, a família de Maria Moura tem direito a um terço das terras, mas reivindica para si, o direito sobre toda a propriedade em razão de ocupá-la há mais de dez anos, por outro lado, os primos querem a posse da terra e da prima.

Embora o problema com a herança seja antigo, os rapazes ainda não tinham feito uma investida para tomar a propriedade. Porém, com Liberato morto e Moura órfã de pai e mãe, eles acreditam ser o momento adequado, e decidiram então fazer um cerco à fazenda e tomar posse da herança, sequestrar a moça e casá-la com um dos irmãos, antecedendo-se ao projeto dos irmãos Tonho e Irineu, ela agrupa os peões da fazenda, prepara as armas e munições para defender suas terras, sua casa, os moradores e sua integridade (QUEIROZ, 2008, p. 49)

Foi me mostrando logo o bacamarte reformado pelo ferreiro velho. para mim era novo, lixado e azeitado. O zé trazia a arma enrolada num pano, como se fosse um pedaço de pau. O rapaz mais novo, o maninho, tinha mesmo, Deus sabe como, arranjado uma garrucha, velhinha também, mas que, dizia ele, não negava fogo. Os dois vinham cada um com seu polvarim de chifre, chumbo grosso e fino, num saco; e a pedra que eles chamavam figo de galinha. era a pedra do fogo, quer dizer, da faísca, para acender a pólvora.

Com os homens armados está pronta a resistência dos moradores contra os que querem atacar a fazenda. As ações de Moura, até o momento, eram conhecidas apenas dela mesma. Para sua proteção, ela mandou matar o padrasto e o morador da fazenda, Jardimino, tudo ficou no anonimato, mas a partir da manobra

dos primos para tomar suas terras ela sairá das sombras e se revelará uma mulher guerreira, forte e habilidosa no comando do bando de homens, com poucos membros no grupo ela será obrigada a deixar a fazenda, mas faz isso atirando e colocando fogo na casa do Limoeiro, conforme Queiroz (2008, p. 52-53)

E agora, que eu estava com o cabroeiro armando ao meu redor, só tinha mesmo que resistir. Era tudo ou nada. (...). Àquela altura, já estava começando a ter medo da confusão em que tinha me metido. Mas a raiva era maior do que o medo. Pelo menos, se o pessoal chega e me cerca a casa, eu já posso me defender com alguma esperança de ganhar. Defender a minha morada e a minha pessoa, pra desgraçado nenhum botar a mão em qualquer das duas.

O pior, pra mim, é que, desta vez, eu não preparava uma tocaia na noite, na sombra, como nas duas vezes antes. Desta vez eu tinha que me declarar. Resistir e atacar, porque - essa certeza eu tinha - eles não iam dar por menos.

Diante dos constantes ataques contra a sua liberdade e integridade física e moral, Moura vê-se mais uma vez obrigada a tomar decisões que denotam as mudanças ocorridas na maneira como ela enxerga a condição feminina, mostrando através de suas ações, que está disposta a enfrentar as consequências de uma luta armada para defender a sua morada e a sua pessoa, mas estava consciente de que suas ações não ficariam no anonimato, como nas vezes anteriores, em que cometeu assassinato e ninguém tomou conhecimento. Desta vez, ela tinha que se declarar.

Ao planejar a defesa de sua propriedade, a personagem é revestida de um arbítrio incomum as mulheres de sua época, de quem se esperava submissão incondicional mediante a vontade masculina. A intenção de defender-se, em primeira instância, é para manter em sua posse a herança de seus pais, e manter-se em um local seguro, conhecido. No entanto, essas decisões acarretarão grandes mudanças para Moura, que será forçada a deixar o espaço do lar e sair em busca de uma terra que conhece apenas pelas histórias contadas por seu pai. Dessa forma ela está próxima a romper com o processo de confinamento no qual, conforme Perrot, (2008, p. 35) a mulher era mantida.

De início, as mulheres parecem confinadas. A sedentariedade é uma virtude feminina, um dever das mulheres ligadas a terra, à família, ao lar. (...) O direito doméstico assegura o triunfo da razão; ele enraíza e disciplina a mulher, abolindo toda vontade de fuga. Pois a mulher é uma rebelde em potencial, uma chama dançante, que é preciso capturar, impedir de escapar.

Os esforços dos primos de Moura para apossarem-se de seus bens, irão acelerar o rompimento com as tradições, fazendo aflorar a rebeldia, a vontade de deixar tudo para trás em nome da liberdade, em um esforço para não ter a sua vontade capturada e submetida aos desejos de outros. Ela tem suas ações potencializadas pela pressão que sofre dos primos, para terem a posse de suas terras. De acordo com Queiroz (2008, p. 52) Moura tinha medo da confusão que tinha se metido, mas o desejo por exercer seus direitos e a raiva que sentia, eram maiores que o medo, mesmo com poucos homens, estava disposta a arriscar-se em defesa dessa liberdade.

As ações de Irineu e Tonho ao invés de desvanecer Moura da ideia de tomar as decisões concernentes a sua vida, impulsionam-na para uma nova vida, onde não se submeterá a vontades alheias, tomando o rumo de sua vida e de seus capangas em suas mãos. O cerco contra a casa confirma o espírito livre e forte que a mantém disposta para a batalha, revestindo-se da coragem que é atributo dos fortes conforme Queiroz (2008, p. 73) Moura chega a um ponto decisivo de sua vida.

Vi que tinha chegado a hora principal da minha vida. Ou era hoje ou nunca. A minha casa, a impressão que me dava agora, era a de um mundéu se fechando em cima de mim. Eu tinha que me escapulir daquele aperto perigoso, ganhar o mundo protegida por meus cabras. E foi pensando nisso que me preveni.

O meu cavalo - isto é, o cavalo de pai, o Tirano - já eu nesses últimos dias, botei no trato, comendo ração verde e milho; para o que desse e viesse.

Este é o ponto culminante para os moradores da fazenda e sua senhora. Agora não tem mais volta, é enfrentar a tiros os inimigos, sem chance de vencer, e fugir deixando para trás suas terras. Porém, não a sua casa que será queimada, ou a sua pessoa, “para ninguém pôr a mão”. Com essas ações, Maria Moura se transfigura em guerreira, vence o medo e parte para o desconhecido, chamando para si a competência de chefiar um bando de cabras armados, que cuidarão da sua segurança e assumirão o papel de saqueadores e assaltantes, prontos para obedecerem as ordens de sua chefe. Isto a tornará conhecida e temida no sertão onde vive.

A atitude decisiva de ir embora e colocar fogo em sua casa, deixando sua terra para trás não deve ser vista como uma demonstração de falta de amor por sua herança. Conforme Queiroz (2008, p 76), Moura tinha grande amor por sua casa.

Apertei bem as correias que atavam o papo-de-ema, me benzi, senti os olhos ardendo, aquele aperto horrível no coração. Fui até o quarto, beijei o lugar onde ficava a santinha de mãe. Abri os braços, abracei e beijei as paredes da minha casa, me despedindo para sempre. Determinei aos rapazes que, assim que o fogo pegasse mesmo, fazendo labareda alta, eles aproveitassem o susto dos cabras do cerco, e fugissem também, pelo mesmo caminho nosso.(...)

Vendo a minha casa transformada num fogaréu, e feito pela minha própria mão, desabei em pranto. Os outros, acho que choravam também. Esperamos mais um pouco. Chegaram afinal os meninos, correndo, afrontados.

Maior que o amor que sentia pela casa em que viveu a sua infância era o apego, pouco experimentado pela mulher, por sua liberdade, já que entregar a fazenda e ficar ali, era a mesma coisa de ficar sob a tutela dos primos dos quais ela queria fugir. Essa atitude de buscar a liberdade, segundo Michelle Perrot (2008) em seu livro *Minha história das mulheres* era comum, “quando as famílias de camponeses empregavam suas filhas como criadas, operárias ou domésticas urbanas. Ao serem empregadas pelos patrões, ficavam sob seu controle. Mas elas fogem, mudam de lugar, conquistam sua liberdade”. (PERROT, 2008, p. 136), era isso que Maria Moura buscava, liberdade para ninguém colocar o pé em seu pescoço. Moura se reveste de uma autoridade que lhe traz segurança, e irá encurtar o caminho para alcançar o poder que almeja, para ser livre.

Moura trilha o caminho para a liberdade onde será chefe, não se sujeitando a vontade de outros, e prova para os seus capangas e para seus primos que é inteligente, sangue frio e capaz de raciocinar mesmo estando em momento de tensão, mesmo sob ataque, ela reflete e consegue tirar os moradores da fazenda em segurança, homens que se dispõem a aventurar-se pelo sertão roubando e assaltando sob o comando de uma mulher jovem, mais destemida que vai conquistando espaço em um ambiente tipicamente masculino.

A personagem Maria Moura representa a mulher que pensa e age a favor próprio e dos que lhe seguem. “Vamos sair a passo para vocês nos seguirem. Fiquem de olho, que é para pegar qualquer animal alheio que apareça a nossa frente. Vocês todos precisam de montaria. Nós vamos para muito longe”. (QUEIROZ, 2008, p 78). Após planejar a defesa e o incêndio, o plano é adquirir montarias para todos e seguir com destino a Serra dos Padres, local em que está situada a herança de seu pai Com esse propósito, o grupo é alertado sobre o longo

caminho que terão que percorrer, Dessa forma, a sinhazinha se transforma em jagunça chefe de bando; com esse grupo ela vai trabalhar articulando os assaltos para juntar ouro gado e armas para dessa forma garantir poder e liberdade.

A primeira empreitada do bando é um assalto para providenciar montaria para alguns rapazes do grupo. Com atitudes de bondade e a promessa de um lugar seguro, ela mantém os rapazes unidos e dispostos a obedecer a uma mulher que se mostrava valente. De acordo com Queiroz (2008, p. 98), isso era só o começo:

Mas isso é só o começo, vamos arranjar animal pra todo mundo, armamento e munição, mantimento para comer. Se der jeito, se toma ou se pede emprestado. Em algum caso até se compra. Eu tenho com quê - mas prefiro ir guardando os recursos para a munição, que só se adquire mesmo por compra. não tem nem de quem roubar.

Dessa forma, a mulher guerreira vai se firmando como líder dos homens que a segue, com uma postura rígida ela se mantém no poder, gerando para os cangaceiros a possibilidade de uma vida melhor na Serra dos Padres, as promessas vinham acompanhadas de advertências para aqueles que resolvessem desafiar o seu comando, conforme Queiroz (2008, p. 99), Moura lidera com firmeza:

Vou prevenir a vocês: comigo é capaz de ser pior do que com cabo e sargento. têm que me obedecer de olhos fechados. Têm que se esquecer de que eu sou mulher - pra isso mesmo estou usando estas calças de homem. Bati no peito:
Aqui não tem mulher nenhuma, tem só o chefe de vocês. Se eu disser que atire, vocês atiram: se eu disser que morra é pra morrer. Quem desobedecer paga caro. Tão caro e tão depressa que não vai ter tempo nem para se arrepender.

Para manter a liderança entre os homens, ela os adverte de que ali não existe mais uma mulher e sim o chefe deles, e que a partir daquele momento eles teriam que obedecer de olhos fechados e se fosse preciso morrer para cumprir as ordens dela. Para concretizar a sua liderança, de acordo com Queiroz, (2008, p. 99-100) corta o cabelo:

Aí eu me levantei do chão, pedi a faca de João Rufo, amolada feito uma navalha - puxei o meu cabelo que me descia pelas costas feito numa trança grossa; encostei o lado cego da faca na minha nuca e, fui cortando o cabelo na altura do pescoço. Dei um nó na trança aparada e entreguei a João Rufo, junto com a faca: - Guarde esse cabelo no alforje. (...)

Agora se acabou a sinhazinha do Limoeiro. Quem está aqui é Maria Moura, chefe de vocês, herdeira de uma data na sesmaria da fidalga Brites, na Serra dos Padres. Vamos lá arreiem os animais.

Para impor sua autoridade e ganhar respeito entre os jagunços, Moura rompe com a tradição feminina de manter cabelos grandes. Ao cortá-los, ela exige do bando o mesmo respeito que teriam por um homem. Segundo Michelle Perrot, cortar os cabelos era sinal de emancipação (PERROT, 2008, p. 59-60).

As primeiras mulheres a cortar os cabelos foram as estudantes russas dos anos 1780-1880, partidárias ou não do niilismo, que entravam para as faculdades de medicina para cuidar da saúde do povo. Esboça-se assim uma silhueta de mulher jovem de cabelos curtos (...). A própria Louise cortou seus cabelos para combater durante a comuna e sempre os usou semilongos. Liberação política, liberação dos costumes (...)

É uma tentativa de romper com tudo aquilo que a identifica com o sexo frágil Moura compreende que a imagem que deve passar para os homens é de alguém forte, a aproximação do modelo masculino a ajudara nessa intenção, mas segundo Perrot, (2008, p. 61), o “corte de cabelo já significou nova feminilidade”, por isso Moura não estava abrindo mão de sua feminilidade, buscava apenas o poder e fazia o necessário para tê-lo uma vez. Para Perrot, (2007, p. 49), “a mulher, é antes de tudo, uma imagem, (...) feita de aparências”, Moura deseja que esqueçam que ela é mulher.

Para continuar a corrida pelas posses que deseja, e necessário arranjar montaria para todo o grupo e isso não demora a acontecer, de acordo com Queiroz (2008, p. 100), nas andanças eles viram:

Um pouco mais longe, num alto pedregoso, vimos que de um barraco coberto de palha de catolé saía a fumaça escura do primeiro fogo do dia. E na capoeira velha, mas tapada pela cerca de ramada, uma besta castanha, alta e ossuda. Ao lado dela um poldro já crescido. Zé soldado logo pulou a ramada, levando na mão o cabresto da burra de João Rufo. Maninho seguia o irmão, gritando: Bota o cabresto na besta que o poldro acompanha! A besta era mansa, nem negaceou. Mas o poldro, que acompanhou a mãe, colado nela, resistiu feito um danado quando Maninho foi colocar nele o outro cabresto, o de Alípio.

Roubando a besta e o poldro, o bando dá início a estrutura que precisam para se mover com mais rapidez Uma vez que todos os membros do grupo estando com suas montarias possibilitariam melhores condições para a prática de assaltos, e

assim adquirir os recursos para a manutenção do bando, algum tempo depois assaltaram um grupo de viajantes que encontraram na estrada, (QUEIROZ, 2008, p. 134):

Tomamos chegada a passo lento, para não assustar a caça. Quando eles nos viram, a gente já estava em cima. Eu tinha dito a João Rufo: “você fala. Eu não quero que eles ouçam a minha voz”.
Com a cara coberta, as armas apontadas, rodeamos os três. João Rufo engrossou a voz: Soltem as armas!
Os homens nos olharam assustados. Nenhum dos três portava arma de fogo.(...)
Agora passem pra cá os mantimentos. As redes. Isso! Assim! (...) Dois dos animais eram grandes, quataus criados, um cardão e o outro, o melado. (...)
E João Rufo explicou para os homens que, à ordem dele, já estavam de mãos pro alto, apavorados, espiando a boca das nossas armas: (...)

A realização desse roubo vem suprir à necessidade de montarias melhores, e mantimentos que são primordiais a sobrevivência do grupo. Essas incursões pelo sertão, a visão de homens que se submetem ao poder bélico do grupo é um elemento novo para Moura que gosta da ideia de impor medo, respeito e temor as pessoas, conforme Queiroz (2008, p. 2016) o valor de ter força:

É bom ter força. Quando eu descobri o medo nos olhos da velha, senti que tinha força. E foi bom. Podia ter matado, ferido, maltratado - ela não ia reagir, estava tremendo de medo. E quando eu não fiz nada porque não queria, isso também foi bom, sinal de que eu comandava a minha força. Eu só fazia o que queria.

Força era o que Moura buscava perceber que as pessoas sentiam quando ela atacava. Isso fornece energia para prosseguir. Ela está descobrindo aos poucos a satisfação que o poder traz. Isso é descrito, de acordo com Queiroz (2008, p. 2016)

Mas antes, quando ela vinha na rede, carregada pelos negros suados, com o peito coberto de ouro, naquela hora, quem tinha a força era ela. Era o ouro que lhe dava a força! E se ela se assustou tanto, foi com medo que eu batesse nela ou ferisse - ou foi quando eu lhe tomei os ouros? Ou, quem sabe, a força dos ricos está mesmo é nas casas de alvenaria, nos cavalos de sela, na roupa de seda e veludo, o muito gado pastando nos campos sem fim - e os próprios campos sem fim? O ouro será o confeito dessas posses? Pois quem tem ouro tem tudo que o ouro compra, que o ouro vale.

Com essa ideia, Maria Moura prossegue em sua cruzada em busca de liberdade, força e poder, que agora entende que será concretizada através do ouro

ou outros bens que possa adquirir. A descoberta de que o poder, luxo e força para mandar nas pessoas vêm através da riqueza, é um combustível para as aventuras do bando, para isso os planos de ataque são melhorados, “ Sair para uma aventura sem plano, que só dá certo por acaso” (QUEIROZ, 2008, p. 218), Moura quer melhorar os ataques, para garantir êxito em seus objetivos, pensando nisso ela organiza os rapazes em parelha, de acordo com Queiroz (2008, p. 218)

Passei então a organizar o que eu chamava ‘uma parelha’. Escolhia dois deles (‘um par de quadrilha’, eles diziam), mandava que se equipassem, examinassem bem sela, arreios, cilha, rabicho e rabichola, freio e brida, agora que já se possuía uma certa fartura disso tudo. A parelha de estreia foi escolhida: Roque e Maninho. No que foi chamado, Roque saiu com uma novidade que veio modificar tudo que era plano meu.

As parelhas foram organizadas de dois ou três homens, sempre com a orientação de que não deveriam assaltar ninguém que morasse próximo; deveriam roubar os viajantes de passagem pelas imediações.

Ao colocar em prática os seus ideais libertários, Moura demonstra convicção de sua autonomia, para firmar essa autonomia ela põe em prática os planos elaborados para obter força, fama e poder. A medida que vai acumulando riqueza, garante a permanência do grupo formado para continuar conquistando, e mantém uma liderança aberta, ouvindo a opinião de seus cabras e exigindo deles que atendam suas ordens à risca. Situação vista na forma como os homens se comportam concernente à partilha dos saques, sem fazer nenhum questionamento, de acordo com Queiroz (2008, p. 221)

Eu ia acertar uma porcentagem - tanto para eles, tanto para a ‘fazenda’. E como era eu que fornecia de um tudo para eles, que só entravam com o triste corpo, a maior parte, naturalmente, tinha que ser a minha. Eles concordaram sem exigência. Ainda estavam muito moços, naquela idade em que a ambição é pouca e os rapazes fazem tudo pensando mais na aventura. Além do quê, era eu a chefe, a dona Moura.

As ações de Moura são sempre bem pensadas, e passadas de maneira clara para o bando, que acatava e não ficava incomodado por ser liderado por uma mulher. Dessa forma, o bando chega a Serra dos Padres, destino desejado quando saiu do Limoeiro, Maria Moura encontrou estabilidade ao chegar à Serra dos Padres; ali é o seu lugar seguro, ambiente propício ao bando para estabelecer morada e se fortificar; dali eles saem para assaltos e retornam em segurança, ficam mais

ousados e se fazem conhecidos das autoridades ao assaltarem um homem do governo, conforme Queiroz (2008, p. 325)

Pegue a chave do seu sinhô e destranque a canastrinha!
Era uma peça pequena, bonita, de couro lavrado, com um nariz de ferro na tampa, fechado por um cadeado. (...)
O moleque foi numa trouxa do chão, pegou na roupa do amo, tirou de lá uma chave.
O homem aí ficou com tanta raiva que lhe deu uma coragem:
Vocês não têm o direito de fazer isso! Podem até ser enforcados! Eu sou funcionário do Governo Imperial!

Roubos, assaltos foram os meios utilizados por Moura e seu bando para acumularem riquezas e, dessa forma, ela construiu a Casa Forte e lá passou a desenvolver as duas atividades mais rentáveis da sua carreira, de acordo com Queiroz (2008, p. 416)

Eu, que a princípio considerava aquela mania de fazer pólvora uma maluquice de Duarte, ou pelo menos uma extravagância, aos poucos fui descobrindo a força que aquela produção nos dava. Em toda uma distância de, a bem dizer, cinquenta léguas em roda, só na Casa Forte havia moinho de pólvora.

A fábrica de pólvora que abastecia a região era uma das maneiras encontradas para o enriquecimento de Moura. Outro meio era dar guarita para quem precisasse se esconder e pudesse pagar. Conforme Queiroz (2008, p. 424), encontrava segurança na Casa Forte:

Vi falar até num caso que a polícia chegou aqui e intimou dona Moura a entregar o preso fugido deles; a senhora mandou que os soldados entrassem e caçassem o homem onde quisessem, e eles não descobriram ninguém. É verdade?
Eu tornei a concordar que era. (Já estava aparecendo resultado do cubico: com pouco eu ia ganhar era fama de feiticeira...)
Pois é por isso que eu vim lhe pedir, Dona Moura, que vocemecê tome conta do Cirino. Não lhe peço nada fora disso e estou pronto a lhe pagar o que a senhora quiser.

Para não ser morto por um inimigo político ou um pai descontente, um marido zeloso, aqueles que se encontravam em situação de risco procuravam abrigo com Moura. Assim, a Casa Forte e sua dona ganharam fama e poder.

Maria Moura travestiu-se de homem usando roupa masculina, cabelo curto e agindo como tal, no comando do grupo para manter a ordem e a disciplina

dos homens que estavam sob sua liderança. Sua intenção era mesmo se impor ao bando, como líder, transformando-se em guerreira e salteadora. (QUEIROZ, 2008, p. 425) “Seu Tibúrcio, nesta casa não tem homem nem mulher. É preciso que ele fique ciente disso. Aqui, a Dona Moura anda de calça de homem e cabelo cortado, como vocemecê está vendo, mas é para não haver confusão... aqui a primeira lei é a do respeito”. Em suas memórias Moura não nega sua feminilidade falando ou rememorando suas aventuras amorosas (QUEIROZ, 2008, p.450)

Que é que eu posso dizer do meu amor com Cirino? Juro que nem sonhava, nunca, que pudesse haver nada assim, aquela violência da primeira noite tinha sumido para longe, agora era só carinho, tão demorado, tão no lugar certo. Ele nunca tinha pressa e dizia: “Vou te levar a uma terra onde você nunca foi...” E eu não sei como não gritava durante a tal ‘viagem’ à terra desconhecida. ou quem sabe gritei.

Maria Moura mostra a feminilidade aflorada no corpo ao relatar o amor que nem sabia que era possível alguém sentir, mas que ela sente por Cirino. Foi um prazer que não conhecia, uma ‘viagem’ nunca experimentada antes. Isso amoleceu a dureza da mulher guerreira. Conforme Queiroz, (2008, p. 490), Moura pensou em entregar tudo a Cirino: “Eu chegava a pensar às vezes em entregar o que era meu a ele - a casa, a fazenda, os homens, o comando de tudo, ficar sendo só a mulher dele -, Duarte ia se danar, ia embora, mas que se danasse! Paciência!”

Pode-se ver que a feminilidade de Moura não foi sufocada por sua força de mulher guerreira; foi apenas encoberta pelo esforço próprio de negar a todos o que realmente sentia. Moura sufocou seus sentimentos para manter suas conquistas de poder e fama.

2.2. MARIALVA: UMA MULHER DO SEU TEMPO

A polifonia em *Memorial de Maria Moura* permite-nos analisar a representação feminina por mais de uma perspectiva. Para tanto, procederemos à descrição das percepções da personagem narradora Marialva.

Marialva, moça solteira, vive com seus irmãos e sua cunhada Firma. Recolhida ao ambiente do lar, Marialva não participa da administração dos bens da família, entendendo-se que no momento cultural da obra, a mulher não era aceita fora do contexto do lar. Segundo Vianna, (2004;) Zolin, (2009) utilizavam-se do dizer

que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens. Nesse contexto, encontra-se Marialva que estava sob a guarda dos irmãos e cunhada, que não aceitavam que ela viesse a casar, com medo de ter que partilhar a herança.

Mas, ela conhece Valentim com quem foge, mas casa-se na vila mais próxima de sua casa antes de ir embora com o marido. Ela foi levada pelo meio irmão “Duarte” que segundo Queiroz (2008, p. 168) exigiu que:

Valentim devia ir direto me depositar na casa de um amigo dele, mulato forro também, que negociava e morava perto do mercado. Não queria que eu ficasse na boca do povo, tinha que se fazer tudo pelas regras. Eu ia dormir na casa desse amigo, seu Jordão. O vigário novo da igreja (não era mais o Padre José Maria, que saiu do lugar depois daquele sucesso infeliz na Fazenda Atalaia) já estava tratando para fazer o casamento, de manhã cedo. Tanto o noivo quanto eu éramos de maior e solteiros. A gente se casava e só então ganhávamos o mundo, já marido e mulher.

Dessa forma, ela rompe com as convenções sociais, revelando o quanto a mulher era mantida em posição de submissão, situação vista nas manifestações de insatisfação pelo degrado ao qual era submetida no sítio das Marias Pretas. “Eles todos saem, só eu fico, neste degrado. Trancada neste sítio velho, estas Marias Pretas dos meus pecados, este buraco do cão. Que foi que eu fiz pra me trazerem presa?” (QUEIROZ, 2008, p. 85). Assim, vivia longe dos acontecimentos sociais, em um estado de enclausuramento doméstico, privada de qualquer tipo de liberdade ou atividades sociais as quais outras moças participavam. Isto é, Marialva é mantida presa em casa porque seus irmãos e sua cunhada têm medo de que ela se case e passe a exigir parte da herança a qual sem dúvida ela tem direito. Por isso, ela era prisioneira em sua própria casa, (QUEIROZ, 2008, p. 106)

Para o meu mal, eu tinha caído num erro, logo depois do aparecimento do Valentim. No alvoroço da novidade, assim que a Firma chegou da rua, contei tudo, da visita e do visitante, dos pais de feira, da queda desastrada que ele sofreu e da promessa ao senhor do Bonfim. A firma logo arrebitou a orelha. Entre os três – ela o Tonho e o Irineu – era ela quem mais medo tinha de que eu me casasse, botasse marido dentro de casa, cobrando deles a minha parte de tudo. E ainda mais : eu, novinha, sadia, podia ainda ter uma récu de filhos para virem azucrinar os tios.

Marialva sente-se desconfortável com a situação que lhe é imposta por seus irmãos, que por demasiado egoísmo, pensam apenas na herança e na possibilidade de precisar dividi-la com a irmã e o marido, se esta vier a casar-se.

Segundo Del Priore, (2011, p. 27) “o casamento é uma instituição básica para a transmissão do patrimônio, sendo sua origem fruto de acordos familiares e não da escolha pessoal do cônjuge. A garantia de igualdade era fundamental para impedir a dispersão de fortunas acumuladas”. Por tanto, um trapezista que vive no mundo pedindo esmolas em consequência de uma promessa feita pelo livramento obtido por meio de um santo, no entendimento de Firma, não representa uma boa escolha. Porém, Marialva está apaixonada e foge com Valentim passando a viver como ele, participando dos trabalhos que eles realizam.

Diante dos desafios impostos à figura feminina para adquirir autonomia, vale a pena ressaltar que Marialva, na busca pela realização do sonho de ser independente deixa apenas de viver sob o controle dos irmãos para atender os desejos do marido, situação comum às mulheres de sua época. Conforme Perrot (2008), a mulher saía da submissão dos pais para se submeter ao esposo, conservando de certa forma as convenções sociais de sua época. Neste contexto, encontramos Marialva que resistiu quando o marido falou a respeito de um número com facas, ela disse que não serviria de alvo para aquele espetáculo, mas um tempo depois, segundo Queiroz (2008, p. 276- 277) por sua própria iniciativa vai se oferecer para alvo das facas:

Então, um dia, só para ver a que loucura a gente chega por amar – eu, da minha própria cabeça, sem ele falar em nada, numa hora em que o vi ensaiando e conseguindo acertar todas as facas na linha, sem nem sequer triscar por fora ou por dentro, uma só vez – sim, eu que, assistia de longe, me levantei, me dirigi para o alvo, me coloquei em posição e disse: - Já está na hora de você praticar comigo.

Marialva é a representação da mulher romântica, que deixa o lar para construir sua família ao lado do marido; é a mulher que deixa tudo para seguir o homem que ela julga ser seu grande amor. Por um lado, experimenta um momento de liberdade, mas deixa uma morada fixa para viver uma vida nômade; sem ter uma moradia fixa, ela passa a se apresentar com o marido, arriscando a vida em um número de facas. Dessa forma, Marialva é um contra ponto a Maria Moura, ao se casar e submeter-se à vontade do marido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No romance *Memorial de Maria Moura*, Rachel de Queiroz apresentou a história da mulher que venceu o preconceito tornando-se forte, independente e capaz de lutar por sua liberdade.

A autonomia feminina perpassa por uma batalha incansável retratada na literatura em todas as épocas. Entretanto, a luta da mulher moradora do sertão nordestino apresenta-se com o uso da força, muitas vezes armada, para garantir seus direitos.

Maria Moura, quando muito jovem, depara-se com a morte da mãe, o que desperta a suspeita de assassinato. O ocorrido é uma demonstração dos abusos sofridos pela mulher sertaneja. Não obstante o fenecimento da mãe, ela tem que padecer os abusos do padrasto que a alicia e cometendo abuso, a ameaça de morte, caso ela não assine os documentos que lhe dará direito às terras em que vivem.

Além disso, a certeza de que os primos gananciosos também vão requerer parte da herança, a pressão sofrida por toda a situação a induz a buscar uma independência que deseja, mas ainda desconhece, mesmo que para isso tenha que usar armas e formar um bando. Ao buscar em sua memória lembranças da infância, Maria Moura recorda que tinha desejo de brincar com os meninos, mas não podia, “Eu nunca andei com eles, os meninos do sítio. Mãe não deixava. E de andar com meninas eu não fazia conta, eram muito bestalhonas e medrosas.” (QUEIROZ, 2008, p. 88). A partir disso, é possível perceber a conduta que Maria Moura apresenta desde sua infância, desejando as brincadeiras de menino ao invés das de meninas.

Marialva representa o perfil de mulher que embora deseje a liberdade e lute por ela, visto isso ao fugir de casa para casar-se, ainda é a figura da mulher que se submete, não luta por sua herança e cede aos desejos do marido, servindo como alvo na apresentação com o jogo de facas. Dessa forma, é possível perceber que dentro de uma mesma condição havia ações diferentes.

Portanto, pode-se considerar o estudo da obra *Memorial de Maria Moura* importante para se compreender a condição da mulher, principalmente no nordeste brasileiro do século XIX, momento representado no romance. Dessa maneira, este

trabalho motiva o estudo da obra, no sentido de conhecer com maior profundidade os enfrentamentos pelos quais a figura feminina teve que se aventurar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Laile Ribeiro de. **Memorial de Maria Moura: percurso crítico e representação da memória**. 2011. 110 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras - Estudos Literários Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras UFMG.

A origem do romance e do termo: Disponível em:
<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/377244>, Acesso em 25/06/2017.

ABAURRE, Maria Luiza M, PONTARA, Marcela. **Literatura Brasileira: tempos leitores e leituras**, volume único. São Paulo: Moderna, 2005.

ATIK, M. L. G. Memorial de Maria Moura: the novel in the language of television. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 38-47, 2012.

BONNICI, Thomas, ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3º ed. Universidade estadual de Maringá, 2009.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**, 49º ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CARVALHO, Francisco. **Textos e contextos**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará: Casa de José de Alencar, 1995.

DEZORZI, Caio. Lições da Revolução Francesa de 1789-1799. 2016. Disponível em:
<<http://www.marxismo.org.br/content/licoes-da-revolucao-francesa-de-1789-1799/>>. Acesso em: 06 jan. 2018.

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção**: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução Fábio Fonseca de Melo. *Revista USP*, São Paulo, n.53, p. 166- 182, março/maio 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HOUAISS, Antônio. **Memorial de Maria Moura**. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 4 - 6, 06 out. 1992.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss** da Língua Portuguesa. Rio de. Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. "O esquecimento da memória". In: *Revista Tempo Brasileiro*, 153: 143/147, abr.-jun.,2002.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**, volume I: das origens ao romantismo. São Paulo. Cultrix, 2012.

MORA, José Ferrater. Dicionário de Filosofia/ José Mora Ferrater; Tradução: Roberto Leal Ferreira, Álvaro Cabral. 4ª ed. - São Paulo; Martins Fontes, 2001.

PAGUNUCCI, Jeanne Cristina Barbosa; ARAÓJO, Queiciane; MATOS, Raimundo Lopes. Modernismo e Regionalismo em Rachel de Queiroz:: Memorial de Maria Moura, Um Cabra Valente. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar de Graduação, São Paulo, p.1-15, mar./maio 2013. Semestral. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/52400>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. trad. Ângela M. S. Côrrea, São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Minha história das mulheres. trad. Ângela M. S. Côrrea, São Paulo: Contexto, 2007.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. 1º ed. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**: Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2011.